

## **COMO É OPERADA A SEGREGAÇÃO EM SALA DE AULA?**

**AUTOR:** Sílvio Tavares dos Santos, Acadêmico do VI bloco – curso de pedagogia –  
UESPI/Floriano

**CO-AUTOR:** Fábio dos Santos Vieira, Acadêmico do VI bloco – curso de pedagogia –  
UESPI/Floriano

**Orientador:** Prof. MSc. Robison Raimundo Silva Pereira

**RESUMO:** a educação brasileira consolidou-se como uma educação dual, ou seja, uma escola para os ricos e outras para os “pobres”, portanto, esse trabalho se justifica pela necessidade de questionar a deficiência na formação dos professores e seus possíveis efeitos como a segregação em sala de aula, pois muitas crianças, jovens, adolescentes e adultos da Educação Básica, não atendem aos padrões impostos pela sociedade ocidental. Para tanto, a pesquisa é de abordagem qualitativa e, do tipo bibliográfica. Sendo assim, o trabalho objetiva o despertar para uma melhor formação do professor, que esteja atenta às necessidades e especificidades de seus alunos, contudo, percebe-se que, diante dos inúmeros problemas que envolvem a educação, recentemente, vários projetos vem sendo implantados em nosso país como é o caso do “Programa Mais Educação”, portanto, faz-se necessário ainda que o professor abandone suas formas tradicionais e busquem uma (re)democratização da educação.

**Palavras-chave:** Educação; Segregação; formação de professores

## **THE SEGREGATION AS IS OPERATED IN THE CLASSROOM?**

ABSTRACT: Brazilian education has established itself as a dual education, ie a school for the rich and another for the "poor", so this work is justified by the need to challenge the deficiency in the training of teachers and their possible effects such as segregation classroom, for many children, teenagers and young Basic Education does not meet the standards imposed by Western society. Therefore, research is a qualitative approach and the type literature, therefore, the work aims to awaken a better teacher training, which is attentive to the needs and characteristics of their students, however, it is clear that, given the numerous problems involving education, recently several projects are being implemented in our country as is the case of "More Education Program", therefore it is necessary that the teacher still abandon their traditional ways and seek a (re) democratization of education.

Keywords: Education; Segregation; teacher training

## 1. INTRODUÇÃO:

A educação brasileira, em todas as suas gerações consolidou-se como uma educação etnocêntrica e dual, privilegiando as classes detentoras do poder. Contudo, até hoje pouco se tem planejado para reverter esse processo. Para tanto, a sociedade constitui de certa forma a escola e/ou educação vigente, esta por sua vez, de acordo com os valores que a orientam, implantando uma escola reprodutora dos valores mantida pelas classes dominantes, legitimando os papéis sociais pré-estabelecidos pelo sistema de dominação. E de acordo com Rosenberg (1998, P. 81), pressupõe que,

haveria uma diferença entre a escola freqüentada pelo aluno branco e pelo aluno negro? Suspeitar é possível, pois alguns estudos mostram que existe, mesmo na rede pública, uma escola diferente para o aluno mais pobre. Essa diferença, possível de ser observada por meio do diferencial do custo-aluno nas diversas regiões brasileiras {...}

A realização desse trabalho se justifica pela necessidade de questionar a deficiência na formação do professor, suas atitudes em sala de aula, o conteúdo selecionado e principalmente a distinção de territórios entre os próprios alunos na sala de aula, no qual uns que possuem maior poder aquisitivo sentam-se nas primeiras carteiras da sala, enquanto os outros, em sua maioria, por não possuírem os padrões aceitos pelas classes dominantes da sociedade, tais como, cor da pele, recursos financeiros, comportamentos. Sendo que, algumas crianças que, não tem os padrões de beleza estipulados pela sociedade ocidental, conseqüentemente, sentam-se no “fundão”, e erroneamente são considerados os mais bagunceiros e conseqüentemente tidos como os menos inteligentes, pois, por não terem a atenção do professor, tentam de uma ou de outra de forma desviar a atenção dos outros alunos, para que o docente possa voltar sua atenção a ele.

Há que se analisar primeiramente a histórias das rupturas da educação brasileira, (Bello, 2001), pois desde a chegada dos portugueses tem-se uma “quebra de valores” educacionais já existentes entre os índios. Esses tinham uma educação própria que não foi respeitada pelos jesuítas. Com a sua chegada, trouxeram também novos métodos pedagógicos que foram

impostos, além da moral cristã, da religiosidade e de seus costumes, havendo desde a colonização uma segregação.

## 2. OS IMPASSES DA EDUCAÇÃO

É fundamental inicialmente observar que, na escola e principalmente na sala de aula, existem múltiplas formas de segregação étnica, social, de gênero, credo, opção sexual, entre outras. E o professor por causa de uma formação deficiente em sua maioria, é o principal responsável por essa diferenciação. Por conseguinte, esses alunos que possuem a marca da diversidade, por não terem opção, sentam-se no fundo da sala, havendo uma divisão de territórios. E assim como Rodrigues (2003, p. 36), entende-se que:

é preciso democratizar a escola. Eis aí uma das propostas mais requisitadas no debate educacional hoje, tanto para educadores que militam no ensino superior, como para os que trabalham com a educação básica; e também para pesquisadores, dirigentes educacionais, líderes de instituições ou de associações que congregam profissionais da educação, professores, enfim, todos que se acham envolvidos, de uma ou de outra forma, com a questão da necessidade de se democratizar a escola.

É importante destacar ainda que, em pleno desenvolvimento e avanços tecnológicos, precisa-se expressar uma nova escola, com uma educação pautada no respeito à diversidade, maior valorização do professor, e maior participação da família, como está prescrito em (Brasil, 1996, p. ), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu título II, artigo segundo, afirmando que:

a educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Considerando que a educação é o instrumento e/ou meio que garantirá a cada indivíduo que participe ativamente da sociedade, pois, através dela cada cidadão poderá ter suas necessidades e direitos preenchidos, através de uma boa qualificação para o trabalho, acesso ao lazer, exercício da sua cidadania, e outras necessidades decorrentes da sociedade moderna.

E o indivíduo só desfruta de todos esses saberes quando tem acesso a educação desde a sua infância.

Segundo Libâneo (2010, p. 26) ainda sobre a educação, pode-se afirmar que, “a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é uma prática, e o professor não é o seu único praticante”, pois não há uma única forma de educação, e ela pode acontecer também em casa, na igreja, na rua, pois o ser humano está sempre envolvido com a educação.

### 3. OS CENÁRIOS DESSA SEGREGAÇÃO NA ESCOLA.

Várias são as funções da sociedade que são atribuídas à escola nos dias atuais, essa passa a deixar sua função principal que é a educação, de lado, e passa a resolver outros problemas que poderiam ser solucionados se sua função principal fosse cumprida. Questões como fome, desemprego, saúde, moradia, passam a fazer parte do cotidiano escolar, não como forma de solucionar problemas, mas sim como minimizar essas faltas.

Diante dessa ascendente globalização precisa-se repensar o perfil dessa educação, traçar novos paradigmas, como pedagogia de projetos, conteúdos significativos, habilidades, competências e principalmente estreitar as distâncias/relações entre professores e alunos(as), alunos(as) e alunos(as), e principalmente família e escola, pois só através dessa participação comunitária, é que professores, alunos e família, a educação pode avançar.

Para tanto, deve-se propor uma educação na qual o aluno tenha a possibilidades de analisar, refletir, argumentar, para que todos tenham voz na sala de aula e, não que, os alunos mais tímidos, ou os do “fundão” sejam sufocados pelos “melhores” que sempre se sentam nas primeiras carteiras. Deve-se manter a individualidade no coletivo, é um trabalho difícil e segundo Hegemühle (2010, p. 58)

o respeito à individualidade humana é o respeito à natureza humana. Embora a realização das pessoas só se complete no coletivo, cada um tem sua maneira própria de compreender o mundo. Sabemos que nos 30, 40 alunos que temos em sala de aula no Brasil são um grande empecilho para o respeito a essa individualidade. As estatísticas indicam ser esse um dos grandes motivos para os fracassos e exclusões dos alunos.

Isto é, o excesso de alunos em uma mesma sala de aula pode ser elemento de fragilidade educacional, em razão dos alunos não se sentirem participantes ativos dessa aula, ou até mesmo da escola, começam sentando no fundo, gerando as bagunças, as faltas, o desinteresse e conseqüentemente a evasão escolar, por não terem a atenção do professor, e por não se sentirem “atraídos” às aulas.

Se a instituição escola é a responsável na formação de indivíduos civilizados para a sociedade contemporânea, e não se dar conta do fracasso, o que pode então a sociedade esperar que seja essa pessoa se não marginalizada e excluída pelos integrantes por causa de sua diferença e, assim como Itani (1998, p. 128) entende-se que:

a transmissão da diferença também não é necessariamente uma prática negativa no processo educativo. Efetivamente as diferenças existem e não podem ser negadas. Não se pode negar o que é evidente. Não se pode camuflar, ou “esconder o sol com a peneira”. Vale, no entanto, analisar as diferenças, decompô-las, afirmando-as como diferenças, como elas se constituem e em que contexto elas se estabelecem. Significa afirmar a diferença sem com isso destruir o outro, nem mesmo destruir-se.

Com efeito, os professores devem compreender que precisam refazer o seu fazer pedagógico, identificando as individualidades de cada um, e valorizando-as na coletividade procurando estimar seus alunos, e ao mesmo tempo estimar-se, na construção do próprio conhecimento, para que esses alunos que possuem alguma marca da diferença não seja discriminado e nem negado por si mesmo, pois é preciso compreender a manifestação dessa distinção, desde a escola, a partir das séries iniciais, mas para isso é necessário rever a formação do professor.

#### 4. REAPRENDENDO SER DO PROFESSOR

Salienta-se, que a partir das nossas observações empíricas, percebe-se ainda que, há muitos professores em exercício nos dias atuais, que passaram por uma formação deficiente, cabendo acrescentar que mesmo depois de muitas reformas e programas na educação, muitos ainda têm dificuldades, sobretudo, em relação aos temas transversais, que podem ajudá-los

bastante na sala de aula. Até porque a maioria das políticas públicas em educação tem um efeito reparatório, ou que, popularmente chamaria de efeito “tapa buraco”.

No entanto, é importante ressaltar que a só formação acadêmica não é suficiente para o trabalho com a educação, de acordo com Rodrigues (2003, p. 67):

{...} não podemos ter a ilusão de que os professores a partir de um determinado momento estão preparados. Nenhum professor está preparado porque cursou a faculdade ou a universidade ou porque leu cinco, dez, cinquenta ou duzentos livros, ouviu um determinado número de conferências, participou de uma determinada quantidade de cursos. Estes são instrumentos que podem auxiliar o processo de sua elevação técnica. Em cada momento, temos educadores em níveis diferenciados de preparação  
{...}

Ou seja, é preciso pensar em uma formação inicial, ou até mesmo continuada do educador, elaborada desde o alicerce e não “remendo” como uma “colcha de retalhos”. Não que seja supérflua a reciclagem, mas que seja necessária a sua qualidade e permanência na atividade docente em toda a sua fase. Mas é importante ressaltar ainda que muitos profissionais não são comprometidos com a sua profissão.

Há que, se comunicar docentes e educandos para a importância do trabalho democrático no interior da escola, para que, esses possam abandonar o individualismo e, possam traçar um perfil diferente da escola e dos profissionais que nela trabalham, para tanto, é preciso que o educador esteja comprometido com o seu trabalho, pois segundo Rodrigues (2003, p. 66)

{...} à medida que o educador, enquanto educador compreende a importância social do seu trabalho, a dimensão transformadora da sua ação, a importância social, cultural, coletiva e política da sua tarefa o seu compromisso cresce e *consequentemente o seu desempenho no trabalho, diferenciando o fazer pedagógico.* [grifo nosso]

Há professores que tem vocação para ensinar, mas não possuem discernimento para perceber as dificuldades que estão diante de si, enquanto outros possuem uma maior percepção, por tudo que o cerca (os alunos com maior interesse, os com possíveis déficits de

aprendizagem, aqueles que mesmo quietos estão compreendendo o assunto exposto, entre outros), mas não externam bem os seus conhecimentos adquiridos na sua formação, pondo em xeque, a necessidade de uma formação diversificada, em uma mesma diretriz. Ou seja, é necessário que o professor antes de tudo tenha uma formação “psicopedagógico”, para que, juntamente com outros profissionais possam traçar novas práticas educativas.

## 5. À GUIZA DE CONCLUSÃO

É impossível negar as diferenças e individualidades em sala de aula, pois supõe-se que, cada aluno provém de uma família, cultura e/ou conhecimentos diferentes, cada um, possui um papel de destaque, em sua determinada “comunidade”, portanto, deve-se compreender que, o homem (no caso, o aluno), não é um ser acabado e estático, ele se constrói ao longo do tempo, por todas as coisas que acontecem ao seu redor, sobretudo na escola e na família.

Nos tempos contemporâneos, é notável a crise da educação brasileira, por causa da precariedade das instituições de educação, sobretudo, as de Educação Infantil e da escola básica, com profissionais mal formados, com baixa remuneração, e sem o devido reconhecimento. A maioria dos profissionais de educação não conhece a realidade de seus alunos e isso dificulta a sua ação.

Mais recentemente, notamos uma maior preocupação dos órgãos governamentais com a formação dos profissionais de educação, com a criação de inúmeros projetos, tais como, “Programa Saúde na Escola”, “Programa Mais Educação”, “Ensino Médio Inovador”, “PRÓ-Letramento”, “TV Escola” entre outros, além de adoção de diferentes medidas voltados a esse fim.

Enquanto a sociedade, de modo geral não compreender as diferenças, a diversidade, mais se tornarão complexas as relações na escola, e assim como Gomes e Silva, (2011, p. 18) entende-se que,

{...} a sociedade brasileira é pluriétnica e pluricultural. Alunos, professores e funcionários de estabelecimentos de ensino são, antes de tudo, sujeitos sociais – homens e mulheres, crianças, adolescentes, jovens e adultos pertencentes a diferentes grupos étnico-raciais, integrantes de distintos grupos sociais. São sujeitos com histórias, representações, experiências, identidade, crenças, valores e costumes próprios {...}



Isso evidencia que, o professor, ao planejar, avaliar suas aulas e seus alunos, deve, considerar as diferenças de cada um, não como um defeito, mas sim, como uma maneira de constituir esse ser, que está inserido em um processo de humanização, ou de formação humana e social.

Muito embora, se tenha nos últimos anos, vastos estudos na educação que, evidenciam novas práticas de ensino/aprendizagem, precisa-se ainda de pessoas eméritas, capacitadas e dedicadas com uma nova prática educativa, abandonando o tradicionalismo e buscando uma (re)democratização da educação, para que, não haja mais tanta discriminação, e diminua relativamente as diferenças de territórios, o preconceito contra brancos e negros, não só na sala de aula, mas na sociedade como um todo.

No entanto, nem sempre o aluno não aprende porque não quer, muitas vezes estão envolvidos com problemas na família, questões sociais, culturais, psicológicos, neurológicos que, estão diretamente relacionado com o processo educacional.

É necessário ainda que, o educador compreenda que, no convívio com seus alunos, ele irá encontrar sujeitos com atitudes e modos de pensar e agir diferentes dos outros, cada um com sua identidade. Mas é compreensível que, para o professor/educador acordar para esses fatos é preciso formas dinâmicas e práticas nas suas formações que, desembarace as diversas teorias para esses fins, e acreditar que os vários projetos de formação de professores só irão realmente funcionar se acenderem a luz do pragmatismo. Para tanto, Rodrigues (2003, p. 84) nos explica que,

{...} o educador deve levar o aluno a compreender a realidade cultural, social e política, afim de que se torne capaz de participar do processo de construção da sociedade. O educador deve levar o aluno a compreender e organizar sua experiência de vida, para que ele possa desenvolver a capacidade de criticar a realidade onde vive. O educador deve trabalhar no sentido de formar um cidadão consciente, crítico e participativo, ou seja, um “ser político” {...}

O educador deve incorporar suas práticas às experiências dos alunos, traçando conteúdos mais significativos à sua existência, para que todos independentes de serem diferentes, ou não, tenham o mesmo destaque em sala de aula, e não atribuirmos o fracasso escolar a causas naturais ou psicológicas dos alunos. A escola e o professor em qualquer momento deve ter clareza do seu papel.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **LDB: Lei de Diretrizes da Educação:** (Lei 9.394/96). Antonio de Paulo [Ed.]. – 10 ed. – Petrópolis, RJ: DP ET Alii, 2009.

GOMES, Nilma Lino & SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores.** – 3. Ed. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.

HENGEMÜHLE, Adelar. **Gestão do ensino e práticas pedagógicas.** 6. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BELLO, José Luiz de Paiva. **Educação no Brasil:** a história das rupturas. 2001. <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb01.htm> Acesso em 06 de fevereiro de 2013.

ITANI, Alice. **Vivendo o preconceito em sala de aula.** IN; AQUINO, Júlio Groppa. Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para que?.** – 12. ed. – São Paulo, Cortez, 2010.

RODRIGUES, Neidson. **Da mistificação da escola à escola necessária.** – 11. ed. – São Paulo-Cortez, 2003.

RODRIGUES, Neidson. **Por uma nova escola:** o transitório e o permanente na educação. – 13. ed. – São Paulo: Cortez, 2003.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Raça e desigualdade educacional no Brasil.** IN: AQUINO, Júlio Groppa. Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas. – São Paulo: Summus, 1998.